

Pessoas em situação de rua e seus cães: uma relação que pode abrir as portas para a reinserção social

Homeless people and their dogs: a relationship that can open the doors for social reintegration

Flavio Fernando Batista Moutinho¹, Sylvia Marson², Cathia Maria Barrientos Serra³, Aline Moreira de Souza⁴, Márcia de Souza Xavier⁵, Maria Cristina Nobre e Castro⁶

ARTIGO ORIGINAL – Submissão: setembro de 2021 – Aceite: fevereiro de 2022.

RESUMO

O Brasil convive com grande número de pessoas em situação de rua, e esses indivíduos têm, na prática, direitos básicos limitados, a despeito da existência da Política Nacional para População em Situação de Rua desde 2014. A condição de vulnerabilidade em que vivem aumenta os riscos sanitários a que estão expostos. Muitas vezes, esses indivíduos, acompanhando uma tendência da sociedade contemporânea, têm em sua companhia animais domésticos, como os cães. Desse modo, o objetivo do presente trabalho foi buscar entender essa relação entre os indivíduos em situação de rua e seus cães. Trata-se de um trabalho desenvolvido com metodologia qualitativa, exploratória e descritiva, em que foram utilizadas entrevistas semiestruturadas. Os resultados encontrados denotam a importância que os cães têm para os indivíduos em situação de rua, que envolve a melhoria da segurança, da autoestima, da estabilidade emocional e da responsabilização, além da afetividade. Desse modo, pode-se concluir que essa relação pode ser o primeiro passo para a reinserção desses indivíduos na sociedade, que até então não os vê, ou os vê de maneira estigmatizada e pejorativa.

PALAVRAS-CHAVE: Animais de estimação. Vulnerabilidade social. Pessoas em situação de rua.

ABSTRACT

Brazil coexists with a great number of homeless people and these individuals have, effectively, limited basic rights, despite the existence of the National Policy for the Homeless People since 2014. The vulnerable condition they live in increases the sanitary risks to which they are exposed. Many times these individuals have in their company domestic pets like dogs. In this way, the objective of this project was to establish an understanding of the relationship between these individuals and their dogs. This project was developed with a qualitative, exploratory and descriptive methodology in which were used semi-structured interviews. The results found indicate the importance the dogs have for these individuals, which involves improvement in security, self-esteem, emotional stability, as well as affection. Therefore, it can be concluded that this relationship can be the first step to the reinsertion of these individuals in society, that until now does not see them, or sees them in a stigmatized and pejorative manner.

KEYWORDS: Pet. Social vulnerability. Homeless people.

¹ Universidade Federal Fluminense (UFF). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2172-8132>. E-mail: flaviomoutinho@id.uff.br

² Universidade Federal Fluminense (UFF).

³ Universidade Federal Fluminense (UFF). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6748-544X>.

⁴ Universidade Federal Fluminense (UFF). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6140-5074>.

⁵ Universidade Federal Fluminense (UFF). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5980-5909>.

⁶ Universidade Federal Fluminense (UFF). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2818-4318>.

INTRODUÇÃO

O conceito de Saúde Única é defendido pela Organização Mundial de Saúde (OMS), pela Organização para a Alimentação e Agricultura (FAO) e pela Organização Mundial de Saúde Animal (OIE). Este conceito contempla que a saúde humana depende de um ambiente saudável e de que todas as espécies animais também estejam saudáveis¹. A abordagem, sob a ótica da Saúde Única, da relação dos indivíduos em situação de rua e seus cães é oportuna, tendo em vista que envolve o ambiente urbano onde vivem, com todas as suas características que podem influenciar na condição de vida dessas pessoas e de seus animais.

Fatores como a rápida urbanização, as migrações campo-cidade, a pobreza, a desigualdade social, o desemprego e a carência de políticas públicas colaboram para que haja grande número de pessoas em situação de rua no Brasil. A extensão dos direitos a essas pessoas é um fato recente e ainda não acolhida por parte da sociedade, levando ao preconceito e à discriminação, a despeito da existência da Política Nacional para População em Situação de Rua².

Considera-se indivíduo em situação de rua aquele que apresenta quatro condições: pobreza absoluta, vínculos familiares fragilizados ou rompidos, ausência de uma residência regular e uso de locais públicos como forma de moradia e sustento¹. Essa população em situação de rua é composta predominantemente por homens que exercem alguma atividade remunerada e os principais motivos que levam essas pessoas para as ruas são, em ordem: problemas com alcoolismo e drogas, conflitos familiares e o desemprego. Um dado interessante é que 74% da população em situação de rua sabe ler e escrever³.

Reis Jr.⁴ destaca que a condição de vulnerabilidade em que vive a população em situação de rua, agravada por sofrimentos físicos e emocionais daí advindos, aumenta os riscos sanitários para essas pessoas.

Muitos indivíduos em situação de rua têm em seu poder cães com os quais dividem o território e convivem numa relação de animais de companhia, enfrentando os desafios ali encontrados⁵. Essa busca de convívio com cães de estimação acompanha mudanças recentes na sociedade vêm levando ao aumento da busca afetiva por animais de companhia⁶, levando à ampliação do conceito de família e valorizando de maneira mais acentuada o afeto entre seus membros, humanos ou não⁷.

Desse modo, o objetivo do presente trabalho foi buscar entender a relação entre os indivíduos em situação de rua e seus cães, com foco na motivação pela adoção dos animais e da representação destes para os adotantes, por meio da análise de entrevistas individuais.

PERCURSO METODOLÓGICO

Local do estudo

O estudo foi realizado no município de Niterói, RJ, incluindo diferentes bairros. Integrante da Região Metropolitana do Estado do Rio de Janeiro, Niterói limita-se com os municípios de Maricá e São Gonçalo, além da Baía da Guanabara e o Oceano Atlântico, tendo população estimada para o ano de 2019 de 511.786 indivíduos. O município caracteriza-se por ter um Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) muito alto (0,837), correspondendo à 1ª colocação no Estado e à 7ª colocação no Brasil⁸.

Desenho

Este trata-se de um trabalho desenvolvido com metodologia qualitativa, exploratória e descritiva. A pesquisa qualitativa tem como características trabalhar com um nível de realidade e com questões particulares que não podem ser adequadamente reduzidas a simples variáveis quantitativas, envolvendo um universo de significados, valores, atitudes e crenças. As ações e relações humanas não são perceptíveis e não são possíveis de serem captadas pela estatística. Esse tipo de pesquisa é aplicável a pequenos grupos e, no presente caso, é apropriada por possibilitar uma análise subjetiva, buscando compreender o fenômeno a partir das experiências individuais dos partícipes e suas particularidades, permitindo uma abordagem mais completa da situação. A realidade social desvela-se a partir do dinamismo e da riqueza de significados que transbordam da vida individual e coletiva⁹.

O protocolo de pesquisa foi devidamente submetido e aprovado pelo Comitê de Ética da Universidade Federal Fluminense (UFF), conforme parecer n.º 3.302.319 (CAAE: 93550218.9.0000.5243).

Abordagem do público-alvo e entrevistas

Inicialmente foi efetuado um levantamento de campo para a identificação de locais onde indivíduos em situação de rua costumavam ser encontrados com seus cães.

Posteriormente, para o alcance dos objetivos, foram realizadas entrevistas individuais com cinco moradores em situação de rua, residentes no município entre junho e outubro de 2019. O critério de inclusão foi ser maior de 18 anos, encontrar-se em situação de rua no município de Niterói, RJ, e ser tutor de pelo menos um cão. A definição do tamanho amostral se deu por saturação em função da pré-análise do material de campo¹⁰. A opção pelo termo “tutor” em

relação àquele que age como guardião de um cão se deu pela tendência atual de não mais considerar o animal como objeto¹¹. Desse modo, ao não considerar o animal um objeto, não cabe mais usar o termo proprietário.

A entrevista é uma técnica de pesquisa qualitativa que possibilita uma aproximação com o objeto do estudo e o conhecimento oriundo da realidade existente no campo. Tem como foco a linguagem e o significado da fala, servindo de meio de coleta de dados junto ao entrevistado¹². Na interlocução entre duas ou mais pessoas, constroem-se informações referentes ao objeto da investigação¹³.

Para a realização das entrevistas, os indivíduos foram abordados pelos membros da equipe devidamente identificados, sendo informados sobre os objetivos e a metodologia propostos. Procedia-se, então, à assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido com posterior aplicação de um questionário semiestruturado composto por questões abertas. A entrevista com questionário semiestruturado permite um apoio na forma de roteiro ordenado, numa conversa em que a finalidade está mais explícita¹³. Em contrapartida, o uso de questões abertas possibilita que o entrevistado manifeste livremente sua opinião sobre o objeto de estudo, revelando argumentos e conteúdos referentes a tais opiniões¹⁴.

Os questionários eram divididos em três partes com as questões norteadoras: a primeira envolvia o levantamento de informações sobre os indivíduos, o porquê de se encontrarem em situação de rua, suas estratégias de sobrevivência. A segunda, informações sobre os cães, como foram adquiridos, de que se alimentavam, quais cuidados de saúde recebiam. E a terceira, sobre a relação entre os indivíduos e seus cães, o que estes representavam, como eram considerados, possíveis dificuldades encontradas.

Análise e tratamento do material

O material captado nas entrevistas realizadas foi ordenado e organizado, classificado e analisado, de acordo com Minayo⁹. A ordenação e organização envolveram, conforme Minayo e Costa¹³, a ordenação e a releitura dos textos teóricos que balizaram o projeto de pesquisa e a organização do material de campo composto pelas entrevistas escritas, tendo em vista que não houve gravação.

Em relação ao material de campo (entrevista), foi efetuada uma leitura impregnante, que tem como característica ser dotada de grande atenção, exaustividade e interrogações¹³.

Em seguida, como em Minayo e Costa¹³, o material foi classificado, buscando identificar unidades de sentido, categorizá-las e sintetizá-las, mas sem desprezar a riqueza de informações.

Por fim, buscou-se analisar o material categorizado no intuito de, a partir daquilo que foi manifestado, afunilar e aprofundar as questões centrais de forma ancorada à literatura da área

e aos resultados obtidos por outros pesquisadores¹⁵.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Seguindo a metodologia que foi proposta, os resultados estão apresentados conforme as seções das entrevistas, com a primeira parte envolvendo o levantamento das informações sobre os participantes; a segunda, informações sobre os cães; e a terceira, a relação entre os indivíduos e seus cães.

Sobre os tutores

A idade dos entrevistados variou de 26 a 53 anos, sendo quatro homens e uma mulher. No Brasil, a população em situação de rua é majoritariamente masculina, chegando a 82%³. Mas não se pode desconsiderar a presença das mulheres nessa situação, as quais ficam expostas a todas as formas de violência, inclusive vinda dos homens que também encontram-se vivendo nas ruas¹⁶.

Quando perguntados sobre a motivação de estarem em situação de rua, sobressaíram o uso de drogas e o alcoolismo, além da negativa em responder a essa pergunta:

“Saí por causa da bebida. Eu bebia e maltratava as pessoas” (E3).

“Eu não queria ver minha mãe sofrer por causa da bebida e da droga. Preferi ficar longe dela e dizer que estou bem de vida” (E2).

O uso de álcool e drogas ilícitas é comum entre os indivíduos em situação de rua¹⁷ e é o principal motivo para as pessoas saírem de casa e irem morar na rua³, e foram relatados em pesquisa desenvolvida por Freitas e Gomes¹⁸. Na verdade, a dependência química fragiliza ou intensifica a fragilização dos laços familiares, levando ao rompimento desses laços, que culmina por levar esses indivíduos para as ruas¹⁹.

Percebe-se que o desequilíbrio no núcleo familiar advém muitas vezes do uso de drogas ilícitas e do álcool, que desestabiliza a família e culmina na separação e situação de rua. Nesse sentido, é importante uma ação do poder público na busca de atuar sobre os fatores que levam ao uso de drogas ilícitas e ao alcoolismo, o que poderia melhorar a saúde dessas pessoas e colaborar na redução da população em situação de rua. Além disso, atendimento humanizado e especializado visando a reversão dessa situação nos indivíduos que já estejam em situação de rua também é de grande importância.

A estratégia de sobrevivência econômica envolvia a mendicância e a busca ativa por gerar recursos financeiros:

“Ah, a gente se vira. Faço malabares no sinal, quando sobra um trocado eu compro doces

e vendo no sinal também” (E3).

“Eu cato recicláveis. Papel, vidro, latinha. Latinha é o que dá mais dinheiro. Depois eu vendo” (E1).

“Eu ando com meu carrinho atrás de coisas de valor para vender. Principalmente metal, latinha” (E4).

“Eu para na rua e fico pedindo. Geralmente na mesma calçada. As pessoas já me conhecem” (E2).

“Eu vivo de doações. Não consigo trabalhar porque ninguém me dá emprego nessa situação. Ainda mais depois que eu perdi meu apartamento” (E5).

A rua é um espaço onde a busca diária de sobrevivência é uma rotina. A empregabilidade para quem se encontra em situação de rua é muito restrita, mas, ao mesmo tempo, trata-se de um espaço com possibilidade de geração de renda informal²⁰. Apesar do discurso midiático que contribui para a estigmatização desses indivíduos como inúteis, vagabundos ou criminosos, as pesquisas mostram, na verdade, pessoas que buscam desenvolver atividades laborais e se reinventarem em meio às dificuldades e à exclusão com as quais convivem²¹.

A política neoliberal vigente há muitos anos no Brasil vem levando a altos índices de desemprego e, nessas condições de excesso de mão de obra, a empregabilidade de indivíduos em situação de rua torna-se mais difícil ainda. Desse modo, resta a busca da sobrevivência à margem do sistema oficial.

Sobre os animais

Todos os cães foram ganhos; a quantidade por entrevistado variou de um a seis animais por pessoa, totalizando quinze animais. De modo geral, os tutores recebiam ajuda para cuidar dos animais, exceto o entrevistado 4:

“As pessoas ajudam muito. Dão dinheiro, dão ração. Elas já me conhecem e sempre aparecem com uma coisinha” (E2).

“Sim, as pessoas doam ração, me ajudam” (E5).

“Ajudam sim, doam ração, doam sachês de comida” (E3).

“Sempre passa alguém e dá um dinheiro, dá ração” (E1).

Todos os animais eram alimentados com ração e em dois casos (E1 e E4) havia complementação com restos de comida humana.

Vacinação e desverminação não faziam parte das rotinas, exceto no caso do E3, que forneceu vermífugo para o seu cão, que ainda era filhote, e do E2, que vacinava seus animais contra a raiva nas campanhas desenvolvidas pela prefeitura.

Dos 15 animais, somente um já tinha ido ao veterinário, pois fora atropelado e necessitou de uma cirurgia ortopédica, cujos custos foram cobertos por uma transeunte que ficou com pena do cachorro.

A colaboração de terceiros para a alimentação dos cães de indivíduos em situação de rua foi relatada também por Freitas e Gomes¹⁸, e o uso predominante de ração comercial foi relatado por Willians e Hogg²².

A questão dos cuidados com a saúde dos animais, que denota a ausência da rotina de visita ao médico veterinário, de vacinação e de desverminação, não pode ser considerada uma exclusividade dos cães de indivíduos em situação de rua. Pesquisas vêm mostrando a deficiência no uso de vacinas e vermífugos pelos tutores de animais domiciliados^{23,24}. Além disso, as consultas veterinárias estão associadas, na maioria das vezes, a emergências, não fazendo parte da rotina de cuidado com os animais²⁴.

Apesar disso, o uso rotineiro de antiparasitários para os cães dos indivíduos em situação de rua seria uma ação importante, visto que a prevalência de parasitoses intestinais, inclusive zoonóticas, nesses indivíduos é alta, em função de suas condições de vida e de saúde²⁵. O mesmo ocorreria com a vacina antirrábica, devido ao aumento da circulação do vírus rábico em animais silvestres de áreas urbanas, inclusive no município de Niterói, onde esta pesquisa foi desenvolvida²⁶, e o risco desses cães entrarem em contato com animais infectados.

Dentre os desafios enfrentados pelos indivíduos em situação de rua e tutores de cães, estão a preocupação com a alimentação e os cuidados veterinários. O atendimento somente das necessidades primárias, como alimentação e água, foi relatado por²⁷, que detectaram também a preocupação com o fornecimento de uma alimentação balanceada para os cães. Ainda assim, contrariando o senso comum de uma percepção negativa em relação à saúde dos animais de indivíduos em situação de rua, identificaram que ela se compara favoravelmente com a saúde dos animais domiciliados^{5,28}. A maior utilização dos serviços veterinários poderia favorecer a melhoria da saúde desses animais e, conseqüentemente, de seus tutores, principalmente no que diz respeito às zoonoses, na perspectiva da Saúde Única^{28,29}. Para isso, seria muito importante a implantação e/ou expansão do atendimento veterinário público gratuito, já que, como visto, os animais de estimação atualmente são considerados parte do núcleo familiar multiespécie.

De acordo com Irvine³⁰, ao demandarem cuidados e atividades rotineiras, os cães colaboram para a geração de uma sensação de importância para aqueles que deles cuidam, ajudando na construção de uma identidade moral para esses indivíduos. Inclusive, de acordo com Queiroz³¹, esse convívio fortalece a relação humano x animal, e os cães passam a seguir seus tutores onde quer que eles estejam indo.

Relação humano x animais

De modo geral, os entrevistados tinham um histórico de convívio anterior com animais em suas residências, antes de viverem em situação de rua. Inclusive, um dos entrevistados (E5)

passou a viver em situação de rua e levou a cadela que tinha em seu antigo domicílio e outro afirmou que convive com cachorros “desde criança” (E2). Somente um dos entrevistados (E1) não tinha histórico de convívio anterior com animais.

Na motivação para adquirir um cão, sobressaiu a questão da companhia, inclusive, todos os entrevistados afirmaram conversar com seus animais. Essa questão dialógica com o animal é interessante e, de acordo com Baltar e Garcia²⁷, os tutores afirmam ter uma comunicação genuína com seus cães, com entendimento mútuo.

No que diz respeito à mudança no tratamento que recebem das pessoas nas ruas por terem cães, sobressaiu um olhar mais empático dos transeuntes:

“As pessoas param para me dar almoço, dão ração para os cães” (E1).

“Minha identidade nas ruas são os cachorros que me acompanham. Quando estou sem meus cães, eu sou invisível” (E2).

“As pessoas ajudam mais” (E3).

“Melhor viver com animais, pois as pessoas ajudam” (E4).

A questão da invisibilidade é uma constante na população em situação de rua. Até bem pouco tempo não eram reconhecidos como cidadãos com direito e continuam sem ser acolhidos pela sociedade¹. Quando não são invisíveis, são mal vistos, sendo comuns os olhares de medo, de esgelha, a fuga do encontro, o tratamento hostil e a classificação como vagabundos que não querem trabalhar¹⁸. Ao serem maltratados e xingados pela população, eles mesmos passam a se perceber como inferiores, o que dificulta ainda mais a possibilidade de realizarem as suas potencialidades¹. Como na fala de Cruz e Taquette^{19(p.641)}, “a estigmatização das pessoas em situação de rua afeta o sentimento de dignidade, prejudicando a busca de possibilidades para sair do lugar em que se encontram. A exclusão social leva à sensação de não pertencer à sociedade produtiva”.

Na companhia de seus cães, os moradores em situação de rua são mais bem-tratados pela população e, desse modo, aumentam a sua visibilidade social. Desse modo, os cães podem ser considerados intermediadores dos indivíduos com a população em geral e uma ponte para a reinserção social^{14,28}.

De acordo com Baltar e Garcia²⁷, a relação dos indivíduos em situação de rua com seus cães traz uma repercussão instrumental, fazendo com que o indivíduo deixe de ter o papel de coisa e passe a ser encarado como pessoa, já que a população desfere um novo olhar sobre eles, que é reflexo emocional de suas ações perante os animais.

Essa situação mostra que somente a presença de um indivíduo em situação de rua, com todos os obstáculos e deficiências dessa situação, muitas vezes não é suficiente para chamar a atenção da sociedade de que ali tem uma pessoa que pode estar passando sérias dificuldades. É preciso a presença de um animal de estimação para uma percepção mais empática dos

indivíduos em situação de rua.

Somente para uma das entrevistadas a presença do cachorro foi considerada um óbice:

“Eu tinha conseguido uma casa para morar, mas a dona pediu a casa porque não queria saber de cachorro. Preferi voltar para a rua que abandonar minha filha” (E5).

Essa questão da dificuldade em se separar de seus animais, de maneira duradoura ou não, também foi encontrada por Queiroz³¹ e por Baltar e Garcia²⁷. Estes últimos a associaram à intenção de não deixar os animais vulneráveis aos perigos existentes nas ruas, desenvolvendo uma espécie de relação simbiótica, com acompanhamento mútuo.

Até quando eles têm a possibilidade de irem para albergues ou outros atendimentos específicos, muitos indivíduos em situação de rua condicionam à possibilidade de levar os seus cães³². E, considerando que a demanda por esses serviços que aceitem animais é muito superior à oferta²⁸, é importante que esforços sejam desenvolvidos no sentido de incentivar a aceitação de animais nessas instituições.

Todos os entrevistados concordaram que a vida melhorou após passarem a conviver com os cães.

“Mil vezes, agora eu tenho consciência que tenho uma responsabilidade, que é cuidar deles. Até o uso de drogas eu diminui” (E2).

“Sem dúvidas. Você pensa em você e pensa no cachorro. É uma companhia” (E3).

“Sim, melhorou o meu psicológico” (E5).

“E como melhorou, eles me trazem alegria” (E1).

No que tange ao que os cães representavam para os entrevistados, percebe-se uma alusão à pertencimento a uma família, à amizade, à proteção e à responsabilidade.

“Para mim ele é um membro da minha família” (E3).

“Na verdade, ela é minha filha (E5).

“Eles significam proteção. Eles me protegem e eu protejo eles” (E1).

“Eles representam amizade. Se eu vou trabalhar, eles ficam tristes e também sofrem” (E4).

“Eles me deram a responsabilidade que eu tinha perdido” (E2).

Assim como no presente estudo, numa pesquisa desenvolvida por Freitas e Gomes¹⁸, destacaram-se as palavras “amigo” e “companheiro” para a representação dos cães para os indivíduos em situação de rua. Os autores perceberam o vínculo e o afeto que denotam o cão como um membro da família, ao qual é atribuído alto valor emocional.

Slatter et al.³³ também observaram a questão da amizade, da responsabilidade e da melhoria do bem-estar quando na tutoria de cães. Assim como na presente pesquisa, Baltar e Garcia²⁷ encontraram, em sua pesquisa, indivíduos em situação de rua que se referiam a seus animais como filhos. É o contexto já referido das novas composições familiares, com as famílias multiespécies, nas quais a presença dos cães de estimação é constante e cuja relação é baseada no afeto, que não requer a existência de recursos financeiros nem de uma residência, e que pode

melhorar o bem-estar de ambos⁷.

A importância da proteção e segurança fornecidas pelos cães para os indivíduos em situação de rua é relatada em várias pesquisas. Eles funcionariam como guardiões, dando sinais de alerta frente aos perigos em função da condição de vulnerabilidade a que os indivíduos estão expostos, principalmente à noite, enquanto pernoitam^{18,27,31}.

A questão da responsabilidade também ganha destaque na pesquisa de Freitas e Gomes¹⁸, em que é relatado que a presença do animal é motivo para não usarem drogas, para continuarem vivos, para buscarem prover a sobrevivência de ambos. Além disso, esses indivíduos têm que se preocupar com a alimentação do cão, sobre onde vão dormir, dentre outras atividades cotidianas, recompondo-se enquanto sujeitos de suas ações. Baltar e Garcia²⁷ também detectaram como repercussão positiva da presença dos cães a assunção de novas responsabilidades, tendo em vista a dependência criada por esses animais. Os cães fazem com que seus tutores optem por uma vida mais saudável, contribuindo para a melhoria da saúde física e mental dos indivíduos em situação de rua⁵.

Muitas vezes, os cães são o único elo afetivo dessas pessoas, que transferem a sua relação afetiva de outros humanos para os cães, na forma de carinho, afeto, toque, colaborando para a promoção da saúde mental¹⁸. Como bem colocou Sposati^{32(p. 193)}, “o encontro entre o cão e uma pessoa em situação de rua é, sem dúvida, um símbolo de mútuo reconhecimento de identidades perdidas”. Essa relação entre humanos em situação de rua e seus cães pode, por fim, colaborar no resgate da autoestima e da motivação, contribuindo para a estabilidade emocional e, quem sabe, podendo disparar movimentos no sentido de reestabelecimento, da procura de um lar, etc.¹⁸.

Nota-se, por fim, que a relação dos indivíduos em situação de rua com seus cães é uma via de mão dupla, com benefícios para ambos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados encontrados pela presente pesquisa denotam a importância que os cães têm para os indivíduos em situação de rua, que envolve melhoria da segurança, da autoestima, da estabilidade emocional e da responsabilização, além da afetividade. Essa relação, como visto, pode ser o primeiro passo para a reinserção desses indivíduos na sociedade, que até então não os vê, ou os vê de maneira estigmatizada e pejorativa.

Desse modo, acredita-se ser fundamental o desenvolvimento de ações visando garantir a saúde dos cães de indivíduos em situação de rua, no intuito de manter seu bem-estar e qualidade de vida e, também, proteger a saúde dos humanos, especialmente, no que tange às zoonoses. Além disso, é fundamental que mais serviços como os de abrigo passem a permitir a presença

dos animais de companhia, reduzindo esse óbice existente ao abrigo desses indivíduos.

O trabalho teve como principal limitação o fato de se restringir à realidade dos indivíduos em situação de rua de um único município, principalmente, por se tratar de um município com IDH muito alto, o que pode levar a discrepâncias em relação a outras realidades.

Para encerrar esse trabalho, fazemos uso das palavras do cidadão em situação de rua no município de Salvador, BA, Carlos Eduardo Ramos, conhecido como Cadu, que no meio de toda a vulnerabilidade social e luta diária, encontra tempo para fazer poesia:

Não somos lixo. Não somos lixo nem bicho. Somos humanos. Se na rua estamos é porque nos desencontramos (...). Não somos bicho nem lixo, temos voz. Por dentro da caótica selva, somos vistos como fantasma. Existem aqueles que se assustam. Não estamos mortos, estamos vivos. Andamos em labirintos. Dependendo de nossos instintos. Somos humanos nas ruas, não somos lixo^{1(p.7)}.

REFERÊNCIAS

1. Food and Agriculture Organization of the United Nations – FAO. Adopción de un enfoque multisectorial una salud: guía tripartita para hacer frente a las enfermedades zoonóticas en los países [internet]. Rome: Food and Agriculture Organization of the United Nations, 2019 [acesso em 2022 jan. 12]. Disponível em: <https://www.oie.int/es/para-los-periodistas/una-sola-salud/control-de-los-riesgos-sanitarios/colaboracion-nacional/>
2. Ministério da Saúde (Brasil). Saúde da população em situação de rua: um direito humano. Brasília: Ministério da Saúde; 2014.
3. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (Brasil). Pesquisa nacional sobre a população em situação de rua. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome; 2008.
4. Reis Jr. AG. População em situação de rua: contexto histórico e político. In: Ministério da Saúde (Brasil), editor. Manual sobre o cuidado à saúde junto à população em situação de rua. Brasília: Ministério da Saúde. 2012; 17-20.
5. French SK, Pearl DL, Lem M, Kilborn S, Donnelly B, Slater M. Understanding the associations between owner and pet demographics on pet body condition among those experiencing homelessness and housing vulnerability in Canada. *Prev Vet Med.* 2021 [acesso em 2022 jan. 12]; 195:105454. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/34391080/>.
6. Silva MHS, Silva JA, Magalhães DF, Silva MX, Meneses JNC, Moreira EC. Caracterização demográfica e epidemiológica de cães e gatos domiciliados em Barbacena, MG. *Arq bras med vet zootec.* 2020 [acesso em 2022 jan. 12]; 62(4): 1001-1006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/abmvz/a/4ZxMTKC6mpv3kpHqTLfnTfr/?lang=pt#:~:text=No%20munic%C3%ADpio%20de%20Barbacena%2C%20a,e%20f%C3%AAmeas%20entre%20os%20gatos.>
7. Vieira TR, Cardin VSG. Antrozoologia e direito: o afeto como fundamento da família multiespécie. *Rev Biod Direi Anim.* 2017 [acesso em 2021 jun. 8].; 3(1): 127-141. Disponível em: <https://www.indexlaw.org/index.php/revistarbda/article/view/3847>.
8. IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Cidades: Niterói [Internet]. Rio de Janeiro: 2019 [acesso em 2021 jul. 8]. Disponível em:

<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rj/niteroi>

9. Minayo MCS. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: Minayo MCS, editora. Pesquisa social: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes; 1994. 9-29.
10. Taquette SR. Análise de dados de pesquisa qualitativa em saúde. Congresso Ibero Americano de Investigação Qualitativa; 2016; Porto. Porto: CIAIQ; 2016. 1111-1120.
11. Batista ACL, Szaniawski E, Sodr e GF. O reconhecimento dos animais não humanos como sujeitos de direito personificados   luz do Direito Brasileiro contemporâneo. Rev Lat Ame Dir Natur Anim. 2022 [acesso em 2021 jul. 8]; 5(1): 59-88. Disponível em: https://redib.org/Record/oai_articulo3558931-o-reconhecimento-dos-animais-n%C3%A3o-humanos-como-sujeitos-de-direitos-personificados-%C3%A0-luz-do-direito-brasileiro-contempor%C3%A2neo.
12. Cruz Neto, O. O trabalho de campo como descoberta e cria o. In: Minayo MCS, editora. Pesquisa social: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes; 1994. 51-66.
13. Minayo MCS, Costa AP. Técnicas que fazem uso da palavra, do olhar e da empatia: pesquisa qualitativa em a o. Aveiro: Ludomedia; 2019.
14. Lefevre F, Lefevre AMC. Pesquisa de representa o social: um enfoque quali-quantitativo. Brasília: Líber Livro; 2010.
15. Alves ZMMB, Silva MHGFD. Análise qualitativa de dados de entrevista: uma proposta. Paidéia. 1992; 2: 61-69.
16. Cinacchi GB, Nunes NRA, Machado RWG, Lobato LVC, Rodriguez R. Mulheres e a vida na rua: onde as violências se encontram. Argumentum. 2021 [acesso em 2022 jan. 10]; 13(3): 41–56. Disponível em: https://discovery.dundee.ac.uk/ws/portalfiles/portal/70665889/document_3_.pdf.
17. Andrade LP, Costa SL, Marquetti FC. A rua tem um im , acho que   liberdade: potência, sofrimento e estratégias de vida entre moradores de rua na cidade de Santos, no litoral do estado de São Paulo. Saúde Soc. 2014 [acesso em 2022 jan. 10]; 23(4): 1248-61. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sausoc/a/H85x4B9ccDdqHvg5nb7rJZg/abstract/?lang=pt#:~:text=S0104%2D12902014000400011%20copiar-,A%20rua%20tem%20um%20%C3%ADm%C3%A3%2C%20acho%20que%20%C3%A9%20a%20liberdade,do%20Estado%20de%20S%C3%A3o%20Paulo>.
18. Freitas AA; Gomes APF. A representa o social do cão para as pessoas em situa o de rua. Rev PsicoFAE. 2019 [acesso em 2022 jan. 12]; 8(2): 106-128. Disponível em: <https://revistapsicofae.fae.edu/psico/article/view/247>.
19. Cruz JR, Taquette SR. Viver nas ruas: vulnera o e Bioética da Prote o. Rev. bio t. 2020 [acesso em 2022 jan. 12]; 28(4): 637-46. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/bioet/a/WxKbcZgTbYhbmLVTKZvGFGL/?lang=pt>.
20. Reis D. Popula o em situa o de rua e sua rela o com o trabalho: as estratégias de sobrevivência utilizadas pelas pessoas em situa o de rua [monografia]. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, Curso de Serviço Social, Centro Socioecon mico; 2012
21. Sicari AA, Zanella AV. Pessoas em situa o de rua no Brasil: revisão sistemática. Psicol ciênc. prof. 2018 [acesso em 2022 jan. 12]; 38(4): 662-679. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/zZmF6jcYxpRqGS4b5QMX9sQ/?lang=pt>.
22. Williams DL; Hogg S. The health and welfare of dogs belonging to homeless people. Pet behaviour Science. 2016 [acesso em 2021 jun. 12]; 1: 23-30. Disponível em: <https://www.uco.es/ucopress/ojs/index.php/pet/article/view/3998>.

23. Lutinski JA, Paula JM, Simon V, Piva DRL, Kemerich TT, Damolin F et al. Parasitoses em cães domiciliados em um município do sul do Brasil. *Interf Cien Sau Ambien*. 2021 [acesso em 2021 jun. 2]; 8(3): 151–162. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/saude/article/view/9767>.
24. Cardoso DP, Oliveira RP, Estrela DS, Saraiva LA, Farias MPO, Silva PO. Perfil dos tutores de cão e gato no município de Bom Jesus – PI. *Pubvet*. 2016 [acesso em 2021 jun. 12]; 10(8): 580-586. Disponível em: <https://www.pubvet.com.br/artigo/2941/perfil-dos-tutores-de-catildeo-e-gato-no-municipiacutepio-de-bom-jesus-pi>.
25. Antunes RS, Souza APF, Xavier EFP, Borges PR. Parasitoses intestinais: prevalência e aspectos epidemiológicos em moradores de rua. *RBAC*. 2020 [acesso em 2021 jun. 12]; 52(1): 87-92. Disponível em: [http://www.rbac.org.br/artigos/parasitoses-intestinais-prevalencia-e-aspectos-epidemiologicos-em-moradores-de-rua/#:~:text=A%20frequ%C3%Aancia%20dos%20parasitos%20intestinais,nana%20\(15%2C38%25\)](http://www.rbac.org.br/artigos/parasitoses-intestinais-prevalencia-e-aspectos-epidemiologicos-em-moradores-de-rua/#:~:text=A%20frequ%C3%Aancia%20dos%20parasitos%20intestinais,nana%20(15%2C38%25)).
26. Moutinho FFB, Nunes VMA, Fernandes PM, Borges FVB, Faria Neto F. Surto de raiva em morcegos frugívoros no município de Niterói, RJ, 2018. *Med vet (UFRPE)*. 2020 [acesso em 2022 jan. 12]; 14(4): 307-314. Disponível em: <http://www.journals.ufrpe.br/index.php/medicinaveterinaria/article/view/2661#:~:text=e%20lo calizados%20numa%20pequena%20%C3%A1rea,Francisco%2C%20em%20julho%20de%202018>.
27. Baltar JGC, Garcia A. Pessoas em situação de rua e seus cães: fragmentos de união em histórias de fragmentação. *Gerai: Rev int psic*. 2019; 12(2): 191-209.
28. Scanlon L, Hobson-West P, Cobb K, McBride A, Stavisky J. Assessment of health and welfare in a small sample of dogs owned by people who are homeless. *Vet rec*. 2021 [acesso em 2022 jan. 12]; e776. Disponível em: <https://bvajournals.onlinelibrary.wiley.com/doi/full/10.1002/vetr.776>.
29. Lem M. Serving homeless populations through a One Health approach. *Can Vet J*. 2019 [acesso em 2021 jun. 22]; 60: 1118-1119. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC6741821/>.
30. Irvine L. *My dog always eats first*. Colorado, EUA: Lynne Rienner Publishers; 2013.
31. Queiroz RS. O último vínculo: “moradores de rua” e seus cães na cidade de São Paulo. In: Magalhães VB, Rall V, editores. *Reflexões sobre a tolerância: direitos dos animais*. São Paulo: Humanitas; 2010. 191-196s.
32. Sposati A. O caminho do reconhecimento dos direitos da população em situação de rua: de indivíduo a população. In: Cunha JVQ e Rodrigues M, editores. *Rua: aprendendo a contar: Pesquisa Nacional sobre a população em situação de rua*. Brasília: MDS/SAGI/SNAS; p. 193- 223.
33. Slatter J, Lloyd C, King R. Homelessness and companion animals: more than just a pet? *Br J Occup Ther*. 2012 [acesso em 2022 jan. 12]; 75(8): 377-383. Doi: <https://doi.org/10.4276/030802212X13433105374350>.